

Congresso, perplexo, recebe plano com muita cautela

BRASÍLIA — Perplexidade, desinformação e cautela. Estas são as melhores palavras para definir o estado de espírito que tomou conta de deputados e senadores no Congresso logo após o anúncio das novas medidas econômicas. Líderes de todos os partidos, inclusive os já comprometidos com o apoio ao governo Fernando Collor, evitaram tecer maiores comentários sobre o assunto. A maior preocupação, tanto nos arraiais da situação quanto da oposição, era a de só anunciar posições após o estudo detalhado do conjunto das medidas.

"Vamos analisar cada ponto e cada vírgula com uma lupa. Parece ser um plano muito drástico, que vai interferir em toda a sociedade. Se você não lê a bula, não pode saber do remédio", comentou o presidente do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, ao chegar à Câmara cerca de 15 minutos depois que Fernando Collor se retirara do prédio do Congresso Nacional. "É uma dose cavalá. Temos que ouvir economistas, empresários e trabalhadores e reunir as bancadas na Câmara e no Senado para saber como devemos nos posicionar. O importante é que tenhamos tudo muito bem analisado", disse Ulysses, antes de entrar no gabinete do líder do partido, deputado Ibsen Pinheiro, para uma reunião de emergência das lideranças peemedebistas.

O deputado Brandão Monteiro (RJ), vice-líder do PDT, não escondia sua irritação, particularmente com a questão da retenção dos depósitos bancários à vista. "Já vi esse filme antes, no Panamá, e lá não deu certo. Collor passou o segundo turno todo acusando Lula de querer dar o calote interno, quando Lula nunca tinha falado nisso, e agora é ele que vem e dá o calote", acusou. Brandão disse que algumas das medidas têm caráter positivo, como o fim dos fundos ao portador e a extinção de alguns órgãos do governo. "Mas dar calote na dívida interna é um absurdo, é a punição ao assalariado, ao pequeno e médio poupador que buscava defender-se da inflação", acrescentou.

Como no caso do PMDB, o PDT também só pretende se posicionar sobre as medidas como um todo no início da próxima semana, depois que economistas e lideranças ligadas ao partido se pronunciarem. O gabinete da liderança pedetista virou uma grande confusão ontem à tarde, com parlamentares, economistas e jornalistas assistindo à entrevista da ministra Zélia Cardoso de Mello. "Cooóollor", berrou Brandão na tentativa de brincar ao entrar na sala. Mas o líder Doutel de Andrade, de cara fechada, apenas pediu silêncio, enquanto o economista da UnB Luis Fernando Vitor fazia anotações que

serviriam de base para a primeira reunião da bancada do PDT, ainda ontem à tarde. Hoje, já no Rio, com a presença do ex-governador Leonel Brizola, deve acontecer uma nova reunião de debate do partido.

No PSDB, o partido dos tucanos, o clima de perplexidade não era menor, embora o líder em exercício na Câmara, deputado Robson Marinho (SP), tenha participado das reuniões de ontem de manhã com o presidente Fernando Collor e a economista Zélia Cardoso de Mello. "Vamos estudar cada uma das medidas em todos os seus detalhes, com o auxílio de economistas. No início da semana reuniremos as bancadas na Câmara e no Senado para tomar uma posição conjunta. São medidas muito complexas e mais profundas até do que se podia esperar", disse Robson, confessando que, mesmo depois das exposições da ministra da Economia e do presidente da República, não conseguiu ter um quadro muito claro da situação. "Até agora só tenho certeza de uma coisa: a lua de mel de certos setores com o governo Collor chegou ao fim", comentou.

"Roberto Campos está contra, o que pode significar que tem alguma coisa positiva nisto tudo" ironizou o senador Mário Covas, anunciando que os tucanos estarão durante todo o final de semana analisando as medidas para tomar uma posição. Ele até arriscou um previsão: "embora eu não conheça bem as medidas, tem muitas das coisas anunciadas, como corte de subsídios e incentivos fiscais, que devem encontrar mais respaldo na oposição do que nos que apoiam o governo".

O ex-candidato do Partido Liberal à Presidência da República, deputado Guilherme Afif Domingos, apesar de ressaltar que "no global" apoia o plano, disse que o PL só vai iniciar qualquer negociação depois de muita análise. Afif acabou manifestando evidentes sinais de desconfiança quanto a eficácia de algumas das medidas anunciadas. "Daqui há dois meses, não vai ter um trabalhador reclamando da inflação, eles vão estar preocupados é com o desemprego. Collor está querendo ganhar o jogo no começo da partida", explicou. O líder do PTB no Senado, Affonso Camargo, disse que ainda precisava entender bem as medidas mas até o líder do PFL, Ricardo Fiúza, que defendeu o plano do governo na primeira hora, fez críticas ao congelamento de preços e disse que precisaria estudar muito todas as propostas para analisar seus pontos favoráveis e desfavoráveis. Situação e oposição só concordavam em uma coisa: a retenção dos depósitos bancários à vista foi uma forma de "confisco" de vida difícil no Congresso.